

# AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO SOBRE A VIOLÊNCIA URBANA NO MUNICÍPIO DE IGARAPÉ-MIRI

*Data de aceite: 02/06/2023*

**Ruama Fonseca de Sousa**

<http://lattes.cnpq.br/9187007326266838>

**Vivian da Silva Lobato**

<http://lattes.cnpq.br/8153247121237657>

**Paula Inês Lobato Silva**

<http://lattes.cnpq.br/9043166453013207>

**Suzan do Socorro Brito de Lopes**

<http://lattes.cnpq.br/9324305921251310>

**Michelly Conceição Cardoso**

<http://lattes.cnpq.br/4263641773321098>

**Isabel Soares de Carvalho**

<http://lattes.cnpq.br/7407234954652079>

**Rosiléia Batista Braga**

<http://lattes.cnpq.br/7146049161657920>

**RESUMO:** O presente trabalho teve por objetivo compreender as Representações sociais de estudantes do ensino médio do Município de Igarapé-Miri sobre a violência urbana e suas repercussões na escola. A metodologia adotada pauta-se em uma perspectiva de estudos Interdisciplinar de cunho Qualitativo. Os resultados mostraram que as escolas pesquisadas são acometidas por diversas formas de

violência e que os estudantes representam a violência por formas de Agressão Física e Verbal. Além disso, os dados nos mostram que a violência urbana é responsável pelo sentimento de medo e insegurança gerada nos estudantes seja na escola, no caminho até à escola e nos bairros da cidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Violência Urbana; Ensino médio; Representações sociais.

## THE SOCIAL REPRESENTATIONS OF HIGH SCHOOL STUDENTS ABOUT URBAN VIOLENCE IN THE CITY OF IGARAPÉ-MIRI

**ABSTRACT:** This study aimed to understand the social representations of high school students in the city of Igarapé-Miri about urban violence and its repercussions at school. The methodology adopted is based on a perspective of Interdisciplinary studies of a Qualitative nature. The results showed that the schools surveyed are affected by different forms of violence and that students represent violence by forms of Physical and Verbal Aggression. In addition, the data show us that urban violence is responsible for the feeling of fear and insecurity generated in students, whether at school, on the way to school and in city neighborhoods.

**KEYWORDS:** Urban violence; High school; Social representations.

## 1 | INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar os resultados de uma pesquisa realizada com estudantes do Ensino médio da Rede Estadual do Município de Igarapé-miri, onde se investigou as Representações sociais da violência urbana e suas repercussões na escola.

A pesquisa é direcionada pelos discursos dos próprios sujeitos, buscando captar o entendimento dos mesmos sobre a violência na condição de quem a pratica, sofre ou apenas observa o fenômeno. Ao trabalhar a violência urbana na perspectiva dos estudantes, reconhecemos a Juventude como uma categoria social (REGUILLO *apud* BARBIANI, 2007, p. 142), produtora de discursos sobre si, e que carrega as marcas da diversidade típicas da Sociedade. Nesse sentido, autores como Dayrell (2003), Abramovay (2005) e Carrano (2008) problematizam sobre a inviabilidade de pensar o termo no singular, pois levando em consideração os contextos sociais, econômicos, culturais e políticos, só faz sentido falar em “Juventudes”.

Desde 1997 a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura no Brasil), iniciou uma série de pesquisas centradas nos temas de Juventude, Violência e Cidadania nas camadas médias e nas periferias urbanas (CALIMAM, 2019). As pesquisas confirmam a influência do narcotráfico e do crime organizado sobre o comportamento dos alunos, o que interfere na rotina das escolas e aumenta o clima de insegurança entre professores e alunos. Esses estudos comprovam que a violência na escola está relacionada com um processo social mais amplo e complexo, permeando o conjunto da vida social, sendo expresso nas práticas e representações.

Farias (2020) argumenta que as experiências com a violência fora da escola, tem impacto direto sobre a mesma, “afeta o desempenho escolar, as relações entre alunos e dos alunos com as equipes e professores, e ajuda a gerar violência dentro da escola” (CARDIA, 1997 *apud* FARIAS, 2020, p. 17), reforçando o impacto do social na vida escolar.

É válido ressaltar que a violência é aprendida! Tanto que em alguns casos o que é considerado violência para uma cultura não é para outra, ou seja, o fenômeno da violência é construído culturalmente. De acordo com Cardia (2012):

a violência é socialmente aprendida. É aprendida em casa – por meio da família e as práticas disciplinares utilizadas pelos pais e/ou aqueles que cuidam da criança, pela observação do modo como os adultos se relacionam e lidam com conflitos, pela maneira como os irmãos se relacionam e como usam ou não a violência e agressão para resolverem disputas e competições – e pelo que assistem nos meios de comunicação e na internet. A violência também é aprendida fora da casa pelo que crianças e jovens observam na comunidade, nas escolas, nas instituições e pelas experiências de serem vítimas ou testemunhas de diferentes eventos violentos (CARDIA, 2012, p. 59).

Ao considerarmos que a Violência é aprendida, acreditamos também que é possível criar novas representações sobre a mesma, de modo que possamos aprender a desaprender a violência. Pois como conceitua Machado da Silva (1993):

A violência urbana é uma representação, uma descrição seletiva da realidade, que orienta práticas e aponta aos agentes modelos de conduta. É ela a expressão por meio da qual as populações urbanas descrevem cognitivamente e organizam o sentido subjetivo das práticas que envolvem o crime comum violento (MACHADO DA SILVA, 1993 apud GRILLO, 2019, p.63):

Para isso, as instituições de Ensino desempenham papel fundamental na busca de uma cultura de paz, pois por meio de temas transversais e debates é possível conscientizar e apontar caminhos para a resolução de conflitos e orientar novas práticas que se contraponha ao modelo violento que assistimos na sociedade.

Ao analisar a Violência a partir da Teoria das Representações sociais, mencionamos Magagnin (1999, p.70) para enfatizar que a “violência é um fenômeno de representação social, na medida em que causa forte impacto na vida cotidiana”. As Representações sociais são formas de conhecimento prático, que ligam um sujeito a um objeto, elas aparecem para nós como objetos materiais, pois são o produto de nossas ações e comunicações, Jodelet (2001). Dessa forma, as representações sociais estão intimamente relacionadas com as formas de comunicação que circulam na sociedade, sendo através da linguagem que se constroem e propagam.

As representações sociais são descritas por Moscovici (1976) como:

Um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos do seu mundo e da sua história individual e social (Moscovici, 1976: xiii *apud* Moscovici, 2015, p.21).

Moscovici (2015) esclarece que “a finalidade de todas as representações é tornar familiar algo não familiar, ou a própria não familiaridade”. Para isso, é necessário ativar dois mecanismos mentais baseados na memória e em conclusões passadas, são eles: o processo de Objetivação, descrito como um conceito ou noção abstrata que ganha forma e torna-se concreta por meio de imagens ou ideias” (VALA, 1996), e o processo de Ancoragem que “transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada” (MOSCOVICI, 2015, p.61)

## 2 | CAMINHOS DA PESQUISA

### 2.1 Metodologia

Pesquisa social de abordagem qualitativa, de natureza descritiva, no campo de estudos interdisciplinar, tendo como delineamento a pesquisa de campo. Foram aplicados 131 questionários de forma presencial com questões fechadas e semiabertas em 08 turmas do Ensino Médio de duas escolas da Rede Estadual de Ensino do Município de Igarapé-Miri. As questões fechadas tiveram como objetivo o levantamento do perfil dos estudantes, já as questões semi-abertas dissertaram sobre as temáticas: violência, cidade e escola.

As respostas foram transcritas e organizadas de acordo com a frequência com que foram ditas. Os resultados foram tratados de maneira informatizada, por meio do Sistema *Microsoft Excel* (2020). Os dados quantitativos foram tratados pela análise estatística, já o material discursivo foi tratado a partir da análise de conteúdo (FRANCO, 2008) e na teoria das representações sociais, formulada por Serge Moscovici e seus colaboradores.

### 2.2 Caracterização dos participantes

Participaram da pesquisa 131 estudantes do Ensino médio entre a faixa etária de 15 a 29 anos, dos quais 46% tem idades entre 15 a 18 anos, 48% idades entre 18 a 24 anos e 4,5% idades entre 25 a 29. Revelando que a pesquisa foi respondida em sua maioria por adolescentes e jovens.

Os participantes foram selecionados baseados em três critérios:

**1º critério: Livre aceitação** - O público alvo foram adolescentes e jovens que aceitassem participar da pesquisa.

**2º critério: estudantes do ensino médio** - A escolha do público do ensino médio se justifica pela faixa etária contemplada por esse nível de ensino, adolescentes e jovens maiores de 15 anos.

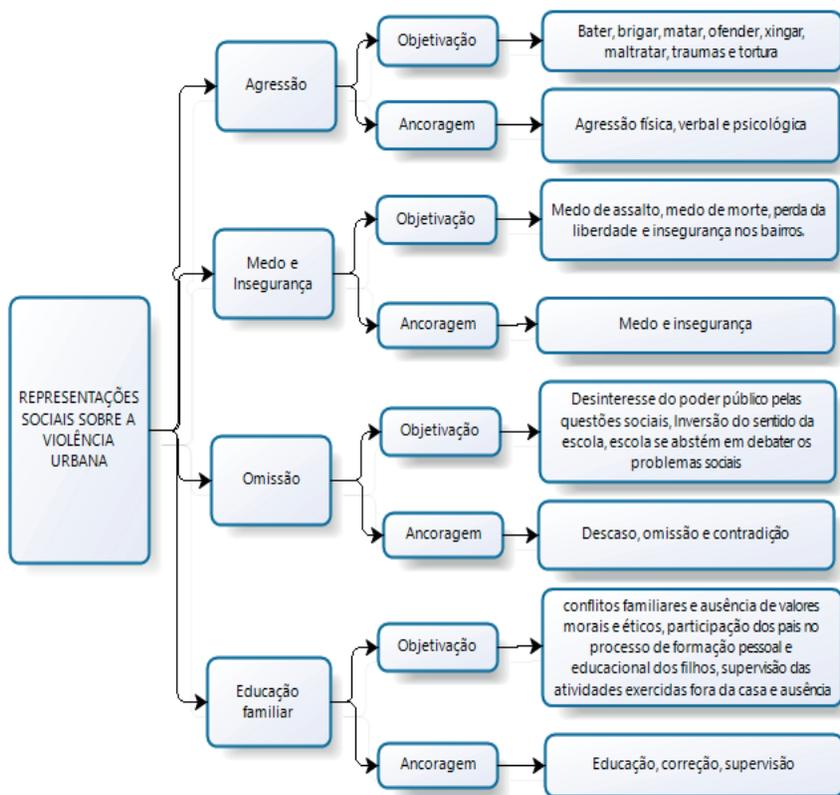
**3º critério: Acessibilidade** - O terceiro critério refere-se à acessibilidade de realizar a pesquisa, quanto a esse critério, optamos por aplicar os questionários em escolas, pois os diretores permitiram o nosso acesso e a maioria dos estudantes mostraram-se acessíveis em participar da pesquisa.

## 3 | RESULTADOS

Os resultados resultados alcançados após análise e interpretação dos dados se compilaram em quatro temáticas, são elas: Agressão, Medo e Insegurança, Omissão e Educação familiar. Para tal, foi necessário reagrupar as temáticas interpretativas baseadas na matriz teórica das Representações sociais através dos elementos centrais que a constituem. São eles, a **Objetivação**: processo que consiste na união de um conceito a uma imagem, e a **Ancoragem**: representado pela rede de significações em torno de um

objeto, e que se traduz no significado atribuído pelo grupo à imagem mental do objeto em foco. Em síntese, os Sentidos (Objetificação) ancoram as Imagens (Ancoragem), como consta na figura 1.

É importante ressaltar que a figura 1 apresenta o modo de pensar dos estudantes, ou seja, a forma como eles representam a violência.



**Figura 1** – Síntese das temáticas analíticas e objetivações e ancoragens sobre o fenômeno da violência urbana

Fonte: Adaptado de Kimura (2013)

### *Agressão*

A Agressão emergiu das falas dos Estudantes como uma representação Social da violência urbana, para eles, a violência urbana é uma forma de agressão, seja ela física, verbal ou psicológica. Os sentidos que ancoram essas imagens foram expressos por meio de ações como: bater, brigar, matar, ofender, xingar, maltratar, traumas e tortura. Práticas de violência presenciadas ou testemunhadas em diversos espaços como a rua, o bairro, durante as festas, no trânsito e nas escolas.

“A violência é quando uma pessoa é agredida e essa agressão pode acontecer

de várias formas, como a física, verbal, psicológico, etc.” (estudante n.º.23)

Apesar da violência urbana acometer a população em geral, os estudantes destacam que a parcela da população mais vulnerável à violência são as mulheres, crianças, jovens e animais. Quanto a isso, estudos como o de Souza e Lima (2006) revelam que a violência acomete a população de modo desigual, afetando a população em função de gênero, raça/cor, idade e espaço social.

A Agressão (do latim *aggressionem*) quer dizer disposição para agredir, disposição para o encadeamento de condutas hostis e destrutivas (Ferreira, 1999). Quer dizer ainda ataque à integridade física ou moral de alguém, além de ação hostil e de provocação (Houaiss, Villar & Franco, 2001). Por conseguinte, a agressão está presente em ações violentas, sejam elas no meio urbano ou em quaisquer outros setores da sociedade, é um comportamento adaptativo em reação a uma intuição de ameaça que utiliza como ferramentas de defesa a força física ou verbal (NIEHOFF, 1999).

Em relação às consequências ocasionadas pelas agressões, os estudantes destacaram consequências psicológicas, medo, traumas, constrangimentos, e até a morte. O estudo de Ribeiro e col., (2009) de revisão de literatura aponta que no Brasil e demais países a violência estaria relacionada a diversos estados clínicos graves, como piora da saúde física, suicídio, problemas de saúde mental, problemas de saúde reprodutiva, dentre outros, seja como propulsor ou como fator de risco.

Ao contrário do que se pode imaginar, a piora no estados clínico decorrente das violências não ocorre apenas quando assistida de forma direta e presencial, Marín-León e colaboradores (2007) argumentam que ela pode ocorrer em decorrência da frequente exposição através dos meios de comunicação a imagens violentas; quando se testemunha atos violentos na própria comunidade e quando o indivíduo se sente ameaçado pela violência, ocasionando em sentimento de impotência.

### *Medo e Insegurança*

O Medo e Insegura foram definidas pelos estudantes como uma Representação social da violência, expressas em suas falas pelo medo de ser vítima de assalto e morte, tanto por criminosos, quanto pela polícia durante operações policiais, perda da liberdade devido a insegura, e insegurança nos bairros.

“não gosto do medo que sinto nas ruas. Quando saio não gosto de não poder levar meu celular por medo de ser assaltada” (Estudante n.º.93)

“Não me sinto segura aqui, porque já fui roubada várias vezes aqui em Igarapé-Miri” (Estudante n.º.64)

Os estudantes não consideram Igarapé-Miri uma cidade segura, e também não se sentem seguros na escola e nem no bairro onde está localizada. Em relação a segurança da cidade, os estudantes consideram que a violência ocorre em todos os bairros, mas

principalmente nos de periferia. Tais imagens e sentidos ancoram-se nas estratégias de prevenção que os alunos utilizam, como: evitar o uso do celular em lugares públicos, não sair de casa em determinados horários, evitar andar por bairros “perigosos”, privar-se de sentar na frente da casa, preferir sair de casa acompanhada, dentre outros. A adoção dessas estratégias revela que os mesmos não se sentem seguros na cidade e que a violência interfere na rotina do Município e na vida dos moradores.

As falas analisadas indicam a prevalência da violência na Cidade, expressas por acontecimentos como a frequência de assaltos, rixas entre bandidos, tráfico de Drogas, pelo descaso do poder público em relação ao pouco policiamento na cidade, além da falta de iluminação pública nas ruas, principalmente durante o período da noite, o que favorece a ocorrência de assaltos.

Ao se referir ao medo e à insegurança das cidades, Bauman (2009) argumenta que

a insegurança moderna é caracterizada pelo medo dos crimes e dos criminosos, na constância e na regularidade da solidariedade humana. Relatando que Castells atribui a culpa por esse estado de coisas ao individualismo moderno. Dever individual de cuidar de si próprio, areia movediça da contingência, o perigo está em toda parte são inerentes à essa sociedade (BAUMAN, 2009, p.2)

O individualismo moderno relatado por Castells contribui para a ocorrência de violência, principalmente nos casos em que se julga o outro sem empatia como em situações de racismo, preconceito, *bullying*. Camacho (2000, p.12) corrobora com tal pensamento, para o autor, o excesso de individualismo contribui para a banalização de atos de violência. Dessa forma, podemos considerar que o individualismo é um traço do mundo moderno e contribui para a ocorrência e naturalização da violência.

Os estudantes revelaram representações contraditórias em relação à polícia. Enquanto para alguns a presença da polícia é sinônimo de segurança, para outros, ela causa medo e insegurança, pois consideram a atuação policial autoritária.

“Só não gosto da violência dos policiais, eles saem pegando qualquer um por aí, saem matando igual doido” (Estudante nº.16)

O relato evidencia uma contradição entre o papel da polícia na sociedade e o modo como a polícia atua, prevalecendo muitas vezes atitudes de autoridade e poder, o que faz com que a população não confie na polícia para defender sua segurança. Resultado semelhante foi encontrado no trabalho de Tinoco (2010), ao investigar as representações sociais acerca da violência urbana de duas classes sociais distintas na cidade de Goiânia, a autora constatou que a atuação policial gera representações controversas, pois assim como a população acredita que o policiamento ajuda a reduzir o crime, acredita-se também que os policiais disseminam a violência, tornando-se um fator de medo e apreensão por parte da população, principalmente a mais carente (TINOCO, 2010, p.118).

## *Omissão*

A Omissão é uma das Imagens que constituem as representações sociais da Violência urbana, e foi relacionada à omissão do poder público e das escolas, esta última, apesar de relacionada à lugar de aprendizagem, discussão de problemas sociais e desenvolvimento moral e social, também apresentou o sentido de contradição, pois apresenta em sua dinâmica manifestações de diversos tipos de violência, o que dificulta o processo de ensino e conseqüentemente de aprendizagem.

Os estudantes confirmam que a violência se faz presente nas escolas, assim como na Cidade e argumentam que a escola poderia fazer algo em relação à violência, como a discussão de temas transversais por meio de palestras e roda de conversas com Psicólogos, além de reforçar a segurança nas escolas por meio da contratação de vigilantes, instalação de câmeras de segurança e fiscalização na entrada

“Sim, existe violência na escola” (Estudante n.º.15)

“a escola poderia organizar palestras, projetos sobre o combate à violência, porque infelizmente hoje em dia as pessoas não estão se preocupando com os conflitos da realidade” (Estudante n.º.52)

“Palestras com psicólogos experientes na área ajudaria nessa jornada contra a violência” (Estudante n.º.87)

“A escola deveria colocar câmeras de segurança, inspetores, controle de quem entra e sai da escola” (Estudante n.º.23)

Quanto a isso, Zabalza (2000, p.22) argumenta que “[...] a escola não pode fazer milagres, mas tampouco deve renunciar ao cumprimento de sua função formadora, seja qual for o meio social e cultural no qual se move”. Ou seja, para que a escola cumpra sua função formadora, ela deve considerar o cenário social e os problemas que emanam dele, como a violência. Pois só assim, é possível pensar em uma educação que transcenda os muros escolares e faça a diferença na sociedade em geral com a adoção de atitudes positivas e de paz.

Já as ações do poder público caracterizadas como omissas se relacionam a falta de projetos sociais voltados para a juventude, como o incentivo ao esporte e a profissionalização; O descaso com as vias públicas, a falta de iluminação nas ruas que corrobora para a ocorrência de violência no período noturno, e a falta de ronda policial para garantir a segurança dos estudantes.

“O governo não olha para a sociedade de Igarapé-Miri, são muitos buracos nas ruas, praças mal estruturadas, etc” (Estudante n.º.121)

## *Educação Familiar*

A educação familiar emergiu como uma representação social da violência, pois os estudantes acreditam que a ausência das famílias nos processos de formação pessoal e

acompanhamento escolar, assim como a convivência em cenários de conflitos e violência, contribuem para a naturalização e banalização da violência, colaborando para que esse fenômeno se propague no ambiente escolar e social. Essas representações se ancoram em imagens partilhadas pelos estudantes que associam a família à função de: educar, corrigir e supervisionar

“a violência é causada pela má educação familiar ou com o convívio da sociedade” (estudante n.º.67).

A família possui função essencial na formação individual e social do indivíduo, atuando como educadora. Oliveira (1993, p.92) afirma que “uma das principais funções da família é a função educacional e, que esta é a responsável por transmitir à criança os valores e padrões culturais do meio social em que está inserido”

Carvalho (2010) afirma que antes da criança receber a influência da comunidade, ela é influenciada primeiro pela família. Logo, em famílias que convivem com violências, onde as pessoas resolvem seus conflitos por meio de gritos e agressão física, as crianças que convivem nesse cenário podem reproduzir tais comportamentos, tendo maior chance de apresentar comportamentos agressivos em relação às crianças que não convivem com esses comportamentos (CARVALHO, 2010).

Os estudantes afirmaram que os pais participam pouco da vida escolar, e alguns nem aparecem na escola. Quanto a isso, destacamos que as escolas enfrentam muitos problemas em relação ao contato e parceria com as famílias, muitas vezes é necessário acionar o conselho tutelar para que os mesmos compareçam às escolas.

No entanto, cabe a pergunta se as escolas oferecem um espaço para que os pais possam participar da vida escolar, não apenas em reuniões de pais ou quando os filhos violam alguma regra, mas um espaço que os convide a se integrar nas atividades da escola, pois segundo Soares (2010, p.9):

A família somente é lembrada pela escola quando há problemas ocasionados pelos(as) alunos(as) no ambiente escolar. Neste sentido, muitos pais acabam se afastando da escola, percebendo esta como um lugar negativo, já que poucas atividades recreativas e prazerosas são oferecidas a eles na escola. A escola deveria ser o ponto central de uma comunidade, um local onde todos pudessem participar e ter acesso.

Aém disso, é importante observar que as famílias não nascem sabendo educar, e infelizmente não tem ninguém que as oriente. Dessa forma, as próprias famílias muitas vezes utilizam de violência para “educar” os filhos, usando o discurso da “correção”, o que pode gerar um ambiente conflituoso e favorecer a permanência dos adolescentes por mais tempo na rua, tornando-os mais vulneráveis e expostos a participar de atividades transgressoras ou ser vítima de violência.

## 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo pautou-se nos elementos constituintes das representações sociais que possibilitaram a compreensão da violência urbana a partir do olhar dos estudantes/participantes das pesquisas, elucidando as formas que conhecem e vivenciam a violência, e demonstrando que o problema da violência no Município de Igarapé-Miri perpassa por questões complexas como a má gestão dos recursos públicos, falta de investimentos em programas voltados para a juventude, educação familiar, falta de oportunidades e criminalidade.

A partir das análises, podemos concluir que as escolas pesquisadas são acometidas por diversas formas de violência, e que os estudantes representam a violência por imagens relacionadas a formas de agressão física e verbal, como bater, socar, xingar, depredar o patrimônio, dentre outros.

Além disso, constatamos que os estudantes constroem suas representações sobre a violência urbana a partir de situações vividas e testemunhadas, utilizando a linguagem como ferramenta de difusão e compartilhamento de idéias, pois relatam situações de violência vivenciadas na casa, no bairro, na vizinhança e em espaços públicos.

Os estudantes acreditam que a escola poderia contribuir com o enfrentamento da problemática com eventos que venham a discutir esse fenômeno local e ao mesmo tempo regional e nacional. Além disso, acreditam que a escola deveria contar com um profissional da área da psicologia que pudesse oferecer apoio aos jovens e coordenar eventos sobre conscientização e combate à violência, auxiliando assim tanto os estudantes, vítimas e agressores, quanto os profissionais da educação.

Ficou evidente que a violência urbana interfere no ambiente escolar, suscitando nos estudantes o sentimento de medo e insegurança sentidos no caminho até a escola, no interior da mesma, na cidade e no bairro onde a escola está localizada, o que pode contribuir com a evasão e desistência, separando o estudante do conhecimento.

Ainda sobre o medo e insegurança, concluímos que a violência urbana interfere na rotina da população, pois influencia nos hábitos e comportamentos dos estudantes, uma vez que os mesmos são levados a adotar estratégias de prevenção contra a violência, como evitar sair de casa em certos horários, evitar usar aparelhos celulares em público, fechar os comércios após o almoço, dentre outros.

Tais constatações revelam a necessidade de discutir sobre a violência no ambiente escolar, e evidenciam a necessidade de investimento em formação para o corpo técnico e docente, que lhes dê suporte para lidar com a violência nas escolas, colaborando assim para a disseminação de uma cultura da paz.

Quanto a relação escola e violência, o que ficou evidente é que as escolas não vão conseguir inibir a violência com a lógica educativa que prioriza os conteúdos, impõem regras, e acredita que a polícia e instalação de câmeras de segurança são a solução. A mudança

que tanto almejamos só será possível quando investirmos nas pessoas, potencializando o que elas têm de interessante, valorizando suas qualidades e as ajudando a lidar com seus defeitos e problemas. Para tanto, é necessário que as escolas, governo e famílias mudem suas posturas, e passem a acreditar no outro, no aluno e seu potencial. Ao final, essas ações vão gastar menos dinheiro do que investimento em equipamentos de segurança.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

CALIMAN, Geraldo. Cátedras UNESCO e os Desafios dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (2019)

CAMACHO, L. M. Y. **Violência e Indisciplina nas Práticas Escolares de Adolescentes**. 2000. 276 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

CARDIA, Nancy (Coord.). Pesquisa nacional, por amostragem domiciliar, sobre atitudes, normas culturais e valores em relação à violação de direitos humanos e violência: um estudo em 11 capitais de estado. São Paulo: Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo, 2012.

CARVALHO, Mônica Cabral de. **A AGRESSIVIDADE COMO RESPOSTA DE UM INDIVÍDUO CRIADO EM UMA FAMÍLIA DESESTRUTURADA**. Monografia (Especialização) - Curso de Pós-Graduação “Lato Sensu”, Instituto A Vez do Mestre, Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2010, 58p.

FARIAS, Andreza Gazzana da Silva Possenti Farias et al. Violência estrutural, seus impactos no cotidiano da educação física escolar e as formas de (re) ação não-violentas. 2020.

FERREIRA, A. B. de H. Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. 3. ed. Brasília: Liber Livro, 2008. 80 p. (Série pesquisa; v.6).

GRILLO, Carolina Christoph. Da violência urbana à guerra: Repensando a sociabilidade violenta. **Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 12, n. 1, p. 62-92, 2019.

Houaiss, A., Villar, M. de S., & Franco, F. M. de M. (Orgs.). (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Jodelet (2001), JODELET, D. Representações Sociais: um domínio em expansão. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **As Representações Sociais**. Tradução de Lílian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ. 2001. p. 17-44.

Magagnin, A. T. (1999). A construção do significado da violência pelos adolescentes de Brasília. Dissertação de Mestrado, Brasília: UNB.

MARÍN-LEÓN, L. et al. Desigualdade social e transtornos mentais comuns. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 250-253, 2007.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: Investigações em psicologia social. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. 404 p. Pedrinho A. Guareschi.

Niehoff, D. (1999). *The biology of violence*. Nova York: Free Press.

OLIVEIRA, P. S. Introdução à sociologia da educação. -São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, W. S. et al. Exposição à violência e problemas de saúde mental em países em desenvolvimento: uma revisão da literatura. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, São Paulo, v. 31, p. 49-57, 2009. Suplemento 2.

SOARES, Adriana Fraga. **A participação da família no processo ensino-aprendizagem**. Alvorada, 2010.

SOUZA, E. R.; LIMA, M. L. C. Panorama da violência urbana no Brasil e suas capitais. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 11, p. 1211-1222, 2006. Suplemento.

TINOCO, Adrienny Pereira. **AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA URBANA: CAMADAS MÉDIAS E OPERÁRIAS DA CIDADE DE GOIÂNIA**. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Sociologia, Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010, 167 p.

Vala, J. (1996). Representações sociais: para uma psicologia social do pensamento social. In J. Vala & M. B. Monteiro (Orgs.). *Psicologia social*. 2ª ed. (pp. 353-384). Lisboa: Calouste Gulbenkian.

ZABALZA, M. **Como educar em valores na escola**. Revista Pátio. Porto Alegre, ano 4, n.13, jan./jul. 2000.